



OLHOS D'ÁGUA: ESCRIVIVÊNCIAS DE MULHERES PRETAS, EM EVARISTO

Luzia da Silva Melo

Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE)

E-mail: luziasmelo24@gmail.com

Monaliza Rios Silva

Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE)

E-mail: monaliza.rios@ufape.edu.br

RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de investigar o processo de *escrevivência*¹ no conto “Olhos D’Água” (EVARISTO, 2016). Para tanto, utilizamos a pesquisa bibliográfica e qualitativa para a discussão de conceitos e para a análise de nosso *corpus*. O conceito da interseccionalidade está presente através da representação de lutas protagonizadas por mulheres negras (AKOTIRENE, 2018). Na análise do referido conto, observamos que a narradora-personagem possui uma ancestralidade afrodescendente, logo faz-se necessária a discussão sobre *amefricanidade*² (GONZÁLEZ, 1988). Além disso, notamos o retorno simbólico das personagens a suas origens, por meio da busca por elementos da religião e cultura africana, podendo ser caracterizada como diáspora negra (HALL, 2003). Por fim, compreendemos que o processo de *escrevivência* no conto “Olhos d’Água” (EVARISTO, 2016) é composto por atravessamentos de opressões e pelo fortalecimento das lutas das mulheres negras no Brasil.

Palavras-chave: Ancestralidade; *Escrevivência*; Interseccionalidade; Olhos d’Água.

¹Processo de *escrevivência* é caracterizado como uma produção literária que tem como objetivo narrar experiências vivenciadas por afrodescendentes nas periferias do Brasil (EVARISTO, 2020).

²*Amefricanidade* é caracterizado por uma nova perspectiva do processo histórico-cultural do Brasil e do continente americano e juntamente com as experiências comuns de homens negros e mulheres negras dentro da diáspora contra a dominação colonial (GONZALEZ, 1988).

OLHOS D'ÁGUA: BLACK WOMEN ESCRIVIVÊNCIAS, IN EVARISTO

ABSTRACT

This article aims to investigate the writing process in the short story “Olhos D'Água” (EVARISTO, 2016). For that, we used a bibliographic and qualitative research to discuss concepts and to analyze the corpus. The concept of intersectionality is present through the representation of struggles led by black women (AKOTIRENE, 2018). In the analysis of the aforementioned tale, we observed that the narrator-character has an Afro-descendant ancestry, so it is necessary to discuss amefricanity (GONZÁLEZ, 1988). In addition, we note the symbolic return of the characters to their origins, through the search for elements of African religion and culture, which can be notes like black diaspora (HALL, 2003). Finally, we understand that the writing process in the short story “Olhos d'Água” (EVARISTO, 2016) is composed of crossings of oppression and the strengthening of the struggles of black women in Brazil.

Keywords: Ancestrality; Escrivivência; Interseccionalidade; Olhos D'Água.

INTRODUÇÃO

A escritora negra brasileira da contemporaneidade Conceição Evaristo nasceu em uma favela localizada na cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais. Nos anos 1970, foi morar no Rio de Janeiro, onde passou em um concurso e em 1990 começou a produzir textos literários. Atualmente, ela é professora aposentada no mesmo estado. Evaristo possui estudos e publicações sobre ancestralidade, opressões de gênero, raça e classe na literatura afro-brasileira (FUKS, 2020).

Dentro das diversas produções de Conceição Evaristo, desenvolveremos no presente trabalho análises sobre conto “Olhos d'Água”, publicado em 2012, mas abordaremos a edição de 2016. A narrativa faz parte de um livro que possui o mesmo nome do primeiro conto, “Olhos d'Água”, que traz diversas personagens representando as escrevivências de mulheres negras nas periferias do Brasil. A obra apresenta críticas à desigualdade social, ao racismo, à miséria, à favelização das moradias, ao cotidiano de mulheres negras pobres, além do enfoque na memória de infância. Temos como objetivo analisar questões ligadas às vivências de

mulheres negras, na sociedade brasileira, a partir do conto “Olhos d’Água” (EVARISTO, 2016). Para tanto, iremos identificar e relacionar os conceitos socioculturais que representem, através da literatura a realidade diária de lutas constantes de mulheres negras, contra o racismo, machismo e a pobreza.

A partir de uma pesquisa bibliográfica, faremos a leitura contextual do conto “Olhos d’Água” (EVARISTO, 2016) e selecionaremos categorias de análise do campo da Sociologia que dialoga com o texto literário como produto cultural. Por exemplo, o conceito de *interseccionalidade* (AKOTIRENE, 2018) nos fornece pressupostos para analisar as relações de gênero, raça e classe presentes no texto. Faremos análises e contextualização sociocultural por meio dos elementos narrativos que estão presentes na narrativa como mecanismos de aproximação entre a ficção e a realidade (CANDIDO, 2006).

Em diversos períodos literários observamos que autoras(es) fazem das suas vidas obras literárias ou apresentam nelas traços de sua vida. Na contemporaneidade não é diferente, embora apresentem características peculiares como na literatura evaristiana (literatura produzida por Conceição Evaristo), pois Evaristo espelha em seus escritos experiências e memórias coletivas afrodescendentes no Brasil. Ou seja, a *escrevivência*, termo cunhado por Conceição Evaristo (2020)³, é caracterizada como a escrita que tem como base a experiência da população negra dentro do contexto brasileiro. Em uma entrevista para a TV PUC⁴, Evaristo declara que tanto seus textos acadêmicos quanto os literários são marcados pela sua condição de mulher negra, interferindo, assim, em suas narrativas e na construção de seus personagens.

MATERIAS E MÉTODOS

³ Entrevista concedida ao canal Leituras Brasileiras publicado em fevereiro de 2020. Por isso adicionamos a data do ano de 2020, mas a escritora já falava a respeito muito antes desta entrevista. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY&t=868s>>. Acesso em 25/out./2020.

⁴ Entrevista concedida ao canal TV PUC-Rio do Youtube, intitulada “A *escrevivência* na literatura feminina de Conceição Evaristo”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=z8C5ONvDoU8>>. Acesso em 25/out./2020.

1. METODOLOGIA

No presente estudo desenvolvemos análises de textos literários a partir da pesquisa bibliográfica, que segundo (GIL, 2002, p. 50) “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos de natureza.”, mesmo autor diz que tais análise dos dados (elementos narrativos) é caracterizada como de cunho qualitativa.

Utilizamos como aparato teórico o conceito “escrivência”, de Evaristo (2020). O nosso *corpus* se constitui pelo conto “Olhos d’água” do livro *Olhos d’água* (2016) que embora tenha sido publicado em 2012, em nossa pesquisa utilizamos, a edição de 2016. Escolhemos esse conto para compor nossa pesquisa, pois ele acreditamos que ele apresenta traços fortes, materializados sobre a realidade vivenciada por diversas mulheres negras no país.

2. FUNDAMENTANDO AS CATEGORIAS ANALÍTICAS

Antes das análises literárias apresentaremos a fundamentação dos conceitos político-sociais que serão contextualizados dentro do conto de Evaristo, por isso abordaremos inicialmente a revisão bibliográfica. Iniciamos tratando da categoria *amefricanidade* por González (1988), mesmo sendo cunhado nos anos 1980, é extremamente contemporâneo. O termo traz para a atualidade a história das lutas dos povos colonizados, principalmente os africanos. A amefricanidade tem como objetivo adicionar uma maior visibilidade à luta e à resistência dos povos indígenas e africanos e que estas lutas sejam ressignificadas de dentro das próprias culturas. Desta feita, a visão identitária é fortalecida e o pensamento europeu branco entra em processo de desconstrução.

Tal pensamento está estritamente ligado à formação sócio-histórica e cultural do Brasil, que apresenta raízes em questões geográficas, linguísticas, ideológicas e culturais, fortemente ligadas ao pensamento europeizado, por conta do processo de colonização. Acontecendo por diversos país do continente americano, de modo que em um de seus estudos Gonzalez (1988) diz que há similaridades histórico-culturais com o Brasil presentes não apenas na língua, como também nas crenças, músicas e danças. Essas semelhanças entre

brasileiros, caribenhos e africanos são apagadas pelo véu ideológico do branqueamento europeu, neutralizado como: de cultura popular ou folclore nacional, minimizando as contribuições negras para a identidade dos americanos, especificamente dos brasileiros.

Uma forma de resistência a esses sistemas de opressão que silenciam e apagam a identidade histórico-cultural do nosso país, principalmente das mulheres negras, é a *interseccionalidade*. E que a partir da perspectiva de Akotirene (2018), a *interseccionalidade* aborda em uma mesma esfera o racismo, o capitalismo e o cisheteropatriarcado, no que se refere às mulheres negras e suas transições dentro das estruturas sociais. Akotirene (2018, p. 33) ainda afirma que

[...]a interseccionalidade permite às feministas criticidade política a fim de corresponderem a fluidez das identidades subalternas impostas a preconceitos, subordinações de gênero, de classe e raça e às opressões estruturantes da matriz colonial moderna de onde saem (AKOTIRENE, 2018, p. 33).

Compreendemos, então, que o conhecimento sobre a *interseccionalidade* nos permite ter consciência dos direitos e de resistir e persistir dentro do processo de *decolonialidade*, frente às opressões impostas pela matriz colonial moderna. Assim, é importante estudar o feminismo negro, pois ele além de nos dá subsídios para discutirmos gênero, também trata de raça e classe, e tendo como luta para a ruptura dos sistemas desiguais. Com a junção dos escritos de Evaristo e de Akotirene, podemos dizer que estamos colocando-as no lugar de direito, lugar de estudo, que historicamente sempre foi negado à mulher negra. De uma forma mais simples, a *interseccionalidade* é a:

[...] abordagem que afirma que os sistemas de raça, classe social, gênero, sexualidade, etnia, nação e idade são características mutuamente construtivas de organização social que moldam as experiências das mulheres negras e, por sua vez, são formadas por elas (COLLINS, 2019, p. 460).

É importante compreendermos, na tentativa de internalizarmos todos os conceitos aqui discutidos, de modo que estes vão se entrelaçando em decorrer das discussões, pois, todos fazem parte do processo de decolonialidade⁵, mas aqui centramos na figura da mulher negra. Mesmo sabendo que as sociedades em decorrer do tempo se constituem de povos de diversos

⁵“A decolonialidade refere-se ao processo que busca transcender historicamente a colonialidade e, de acordo com estes autores, supõe um projeto com um projeto mais profundo e uma tarefa urgente para o nosso presente de subversão do padrão de poder colonial” (REZENDE, 2014, p. 52 – 3).

lugares e, no Brasil não foi diferente, porém é necessário o resgate da cultura destes povos, que dentro do processo de colonização foram apagados, mais especificamente da população negra.

Podemos chamar esse resgate de diáspora, que segundo Hall (2003), é um retorno simbólico a suas origens, como por exemplo a busca da imagem da mãe, como é apresentado no conto “Olhos d’Água” (EVARISTO, 2016), que analisaremos posteriormente. Como também é interessante falarmos que dentro da cultura dos africanos têm suas famílias como matriarcas, mas com a chegada dos colonizadores no continente africano, destruíram, pois o sistema machista e racista dos brancos europeus degradou essa ordem cultural dos africanos, ou descendentes destes. A respeito disso a filósofa negra preta bell hooks (1981) afirma que

[...] os sociólogos proclamaram a existência da ordem matriarcal na estrutura familiar negra, as mulheres negras representavam um dos maiores grupos na América desprovidos social e economicamente, cujo estatuto de forma alguma se assemelhava ao matriarcado (HOOKS, 1981, p. 52-3).

Apesar de não haver semelhança com o que realmente seja o matriarcado negro, por conta das situações sociais e econômicas, percebemos o retorno simbólico à mãe, por meio da diáspora, para o lugar de sua origem para assim reafirmar sua identidade como negra(o). É pelo processo também da diáspora que compreendemos que a identidade cultural não é fixada no momento do nascimento, mas se molda a partir de intersecções sócio-históricas e culturais, como o processo de colonização e a perpetuidade de desigualdades sociais entre pessoas brancas e negras, nas Américas, por exemplo.

Fatores sociais como a pobreza e a baixa qualidade de vida forçam pessoas a migrarem para locais diferentes, na busca por melhores condições de vida. Esse afastamento é carregado de uma promessa do redentor retorno a suas origens (HALL, 2003). Esses processos, dentro da diáspora em construção da identidade histórico-cultural, acabam por transformar em identidades múltiplas (HALL, 2003), ou seja, não somos apenas um só, mas somos também nossos ancestrais.

Entendemos, dessa forma, que a ancestralidade africana é uma forma de resistir e reexistir contra a destruição do conhecimento e da cultura africana, ou seja, é uma luta contra

o epistemicídio⁶(CARNEIRO, 2005, p. 97) da população negra. Mas, sobretudo a ancestralidade africana, além de fazer o processo de ressignificação das mulheres negras, é um alicerce na luta contra o silenciamento destas, de modo que “e preciso entender sempre que nossas ações atuais carregam fundamentos plantados no tempo. ‘Nossos passos vêm de longe’, afirmamos sempre” (EVARISTO, 2018, p. 9).

Assim, ao somarmos essas vozes de estudiosos a respeito de conceitos importantes para a nossa construção enquanto seres humanos e pesquisadores, compreendemos que a luta contra as marcas deixadas pelo processo de colonização é constante e diária, principalmente para as mulheres pretas e, isso ficará bem evidente nas análises do conto, observemos a seguir.

3. ESCRITA DA RESISTÊNCIA: ESCRIVIVÊNCIAS EM “OLHOS D’ÁGUA”

Iniciemos nossa análise literária no elemento principal da narrativa, o narrador, classificado como narrador-personagem, em primeira pessoa. A narrativa inicia com a narradora-personagem despertando do sono, sentindo-se culpada por não saber a cor dos olhos de sua mãe. Tal questionamento é o que desencadeará toda a narrativa, tornando o texto cíclico, pois a narrativa inicia com a filha, se questionando de qual seria a cor dos olhos de sua mãe e finaliza com sua própria filha, perguntando-a sobre a cor dos seus olhos, ou seja, é uma representa três gerações (avó, filha e neta).

Logo na segunda linha do conto, fica nítido que tal questionamento sobre a cor dos olhos não é algo que traga felicidade, pois a narradora-personagem já demonstra seus sentimentos: “*Atordoada* [...] E o que a princípio tinha sido um mero pensamento interrogativo, naquela noite se transformou em uma *dolorosa* pergunta carregada de um tom acusativo” (EVARISTO, 2016, p. 11, grifo nosso). Esse trecho apresenta a necessidade da mulher negra pela sua ancestralidade, na busca por uma característica específica de sua mãe, a

⁶(...) epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural(...) pela produção da inferiorização intelectual; (...)isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento “legítimo” ou legitimado. (CARNEIRO, 2005, p. 97)

cor dos olhos. Ou seja, para que ela possa compreender sua própria identidade enquanto mulher negra, ela precisa sair do individual e ir para o coletivo (suas ancestrais, mãe) para assim compreender a si mesma, ver o mundo através dos olhos da mãe.

Mas, infelizmente a colonização e o capitalismo roubaram a chance dessas mulheres negras manterem suas próprias identidades. Por isso as mulheres negras fazem esse movimento da busca por suas raízes, assim é necessário a preservação dos preceitos africanos sobre a necessidade sermos cobertos por nossa ancestralidade. A respeito disso Machado (2019) afirma:

[...] aprender a ser é um ato de resistência, de re-existência, coletiva, portanto, de encantamento. Assim, a colonização do mundo exclui a possibilidade de contarmos nossas histórias, suas diversidades e potências criativas, excluindo o corpo, mais que isso, o condenando, proibindo-o ser. A ética do cuidado desde o pensamento africano nos diz sobre aprender a ser tecido por nossa ancestralidade. (MACHADO, 2019, p. 65)

O rastro deixado pelo processo de colonização ainda persiste em apagar a identidade sócio-histórica e cultural da mulher negra, na tentativa de destruir o corpo negro por meio da colonização do conhecimento, da linguagem e da estética dos corpos. Compreendemos, assim, que o colonialismo não acabou, mas se modificou através dos anos. Podemos caracterizar esse processo como meio de apagamento da identidade cultural da mulher negra causando-lhes confusão e incerteza na própria vida e/ou existência. Tais afirmações ficam evidentes na reflexão da narradora-personagem, no segundo parágrafo do conto, no qual ela lembra de diversos detalhes, como de uma unha encravada no pé. Porém a características mais fortes e simbólicas da mãe ela não lembrava, demonstrando o apagamento histórico mencionado acima. Tal constatação deixa a personagem confusa, por meio do estranhamento, como apresenta o trecho abaixo:

Eu achava tudo *muito estranho*, pois me lembrava nitidamente de vários detalhes do corpo dela. Da unha encravada, do dedo mindinho do pé esquerdo... da verruga que se perdia no meio de uma cabeleira crespa e bela (EVARISTO, 2016, p. 11, grifo nosso).

Compreendemos também que esse processo de apagamento das características mais simbólicas das pessoas negras, acontecem diariamente, por meio da padronização dos corpos e das personalidades. Isso acontece porque a população negra, sobretudo as mulheres, tem sua

história pontuada em sofrimento, humilhações e etnocídios, mesmo que caia no esquecimento, gerou/gera a perda de sua própria identidade. Ou seja, é um processo antigo que se perpetua. Mas, como a autora diz: “enquanto descendentes de africanos, a *herança africana* sempre foi a grande fonte reivindicadora de nossas forças” (GONZÁLEZ, 1988, p. 78, grifo da autora).

Um trecho no conto deixa evidente as vivências das mulheres negras se conectam como uma linha de nylon, no processo de formação de uma blusa. Ou melhor, a história de uma mulher negra representa diversas outras, seja em qualquer lugar que for. A narradora fala de sua busca por uma condição melhor de vida, observemos: “[...] saíra de minha casa em busca de melhor condição de vida para mim e para minha família: ela e minhas irmãs tinham ficado para trás” (EVARISTO, 2016, p. 12). Entendemos nesse trecho que diversas jovens negras saem em busca de empregos e/ou de estudos, quebrando todo o sistema da colonização contemporânea, sistema esse centrados no homem branco, colocando os demais povos, sobretudo as mulheres negras como inferiores, marginalizando-as.

Outro aspecto que acaba por se entrelaçar do individual (narradora-personagem) para o coletivo (todas as mulheres negras) dentro da narrativa de Evaristo (2016) é o trecho que diz “[...] o lava-lava, o passa-passa das roupas alheias” (p. 12). Esse trecho simboliza a dura realidade das mulheres negras das periferias brasileira, não apenas nas periferias, mas por todo território do país. Uma destas realidades vivenciadas por mulheres negras é o trabalho doméstico, no qual é ocupado por 21% por estas mulheres, e apenas 23 % possuem carteira assinada, segundo pesquisa feita pelo IPEA⁷ (Instituto de Pesquisa Aplicada) em parceria com o UNIFEM (Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para as Mulheres).

O interessante destes ados é que fica evidente que não podemos é possível tratar isoladamente os estudos apenas sobre gênero, classe ou raça, de modo que não tem como escolhermos por qual bandeira lutar/defender, mas sim em um todo. Como explicamos no início o conceito de interseccionalidade, no qual envolve todos esses eixos sociais apresentado acima. Então se nos referimos a uma mulher negra que residem em uma favela, como apresenta tanto no conto quanto nos dados acima, mas que na realidade cotidiana o trataremos

⁷ Vide sítio eletrônico: <<https://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/primeiraedicao.pdf>> Acesso em: 20 de maio de 2020.

dessas esferas, são controladas hegemonicamente por homens brancos. É necessário problematizarmos isso diariamente. Há uma metáfora presentes nos estudos sobre a interseccionalidade apresentada pela advogada americana Kimberlé Crenshaw, no qual se refere que raça, etnia, gênero e classe, estas esperas sociais são como “avenidas que estruturam terrenos sociais, políticos e econômicos” (CRENSHAW, 2002, p.177).Infelizmente, no deslocamento dessas avenidas existem diversas formas de opressões, silenciando, humilhando e gerando o genocídio das minorias, principalmente de mulheres negras, Santos Júnior (2010), fala a respeito dessas ruas.

Mulheres negras, por exemplo, podem ser colididas no cruzamento das vias de raça e gênero. Homens negros homossexuais estão sujeitos a serem acidentados na encruzilhada das vias de raça e orientação sexual. Desse modo, há várias formas em que essas *avenidas se interseccioname mostram-se um fator de risco para vários grupos* (SANTOS JÚNIOR, 2010, p. 08, grifo nosso).

Ao voltarmos para as análises do conto, identificamos traços fortes por todo texto que fica evidente a interseccionalidade, ou seja, as opressões por gênero, raça e classes se inter cruzam. Como ao observarmos o título tanto do conto quanto do livro, que representa às lágrimas das personagens nos momentos de crises, na luta pela sobrevivência, no medo e na desesperança vivida pela população negra, sentimentos estes que as angustiava. Como também palavras que fazem parte do mesmo campo semântico, que fazem referência à água, como rios, mares, lágrimas.

A partir dessas colocações apresentadas acima, podemos conectamos com o *método diaspórico feminista* gerando novas discussões sobre os povos colonizados que ainda atravessam mares turbulentos contra as opressões existentes desde seus ancestrais trazidos da África, Crenshaw (2002), diz que

[...] abrangendo as travessias teóricas de corpos navegantes, balançados pelas águas étnicas, memórias e índices culturais polissêmico se posicionalidades transatlânticas. Afinal, o conhecimento deve ir além das demarcações fixadas por linhas imaginárias do horizonte e, finalmente, valer-se de raça, classe, território e gênero, mas enlanguescendo-se. (CRENSHAW, 2002, p. 188)

Tanto a respeito da memória, quanto do *método diaspórico feminista* podemos identificar na referência das águas que separam e separaram a população negra de seus descendentes, além de representar o choro daqueles que sofriam e sofrem pelo processo de colonização, conforme o trecho do conto “Olhos d’Água” abaixo:

E eu não sei se o lamento-*pranto* de minha mãe, se o barulho da *chuva* [...] sei que tudo me causava a sensação de que a nossa casa balançava ao vento. Nesses momentos os olhos de minha mãe se confundiam com os olhos da natureza. *Chovia, chorava! Chorava, chovia!* Então, por que eu não conseguia lembrar a cor dos olhos dela? (EVARISTO, 2016, p. 24, grifo nosso).

Essas palavras se entrelaçam a trajetórias das mulheres negras apresentadas no conto, marcas do que sofreram e sofrem, com os mais diferentes tipos de violência de humilhações da/na sociedade. Observemos, a cada expressão de termos semelhantes à água, ou suas características, a personagem faz a indagação “Então, por que eu não conseguia lembrar a cor dos olhos dela?” (EVARISTO, 2016, p. 3) as perguntas a respeito da cor dos olhos sempre está presente, mesmo tendo uma construção sintática diferente, mas sempre no mesmo sentido.

Na escrita da autora é de fácil identificação as temáticas a respeito de vivências de mulheres negras, mas sua escrita vai além de aspectos vinculados a sofrimento e miséria. Evaristo acaba levando os leitores a um ponto pertinente, que poucos observam, o aspecto da ancestralidade e identidade afro-brasileira representando em seus escritos, identidade esse sobretudo da mulher negra. Como sabemos que o processo de colonização deixou marcas e apagou a identidade cultural dos descendentes afro-brasileiros, tais marcas e apagamentos serviram para favorecer apenas aos homens brancos e ainda acontece da mesma forma no século XXI.

De modo que o apagamento histórico-cultural de um povo tem como objetivo o domínio destes, temos como exemplo a modificação e apagamento da religião do candomblé de matriz africanos, durante o processo de colonização impondo os preceitos católicos, como a ideia do pecado foi um meio de domínio da população negra, além da ideia de que os negros eram inferiores aos brancos ou que nasceram para servir aos brancos. Essas discussões aqui

levantadas são sobretudo um aspecto político-social que está estritamente ligada à identidade afro-brasileira. Conceição Evaristo (2016) além de fazer diversas críticas sociais, também traz para a discussão a quebra da visão romântica de mãe solo, além das vivências de mulheres longe da família.

A mãe do conto “Olhos d’Água”, trabalha como lavadeira para sustentar sete filhos, moradora de periferia, como citado antes, é mãe solo. Observamos isso a partir da visão de sua filha como narradora, mesmo sendo uma visão externa a realidade vivida pela mãe, acaba sendo mais impactante, porque a narradora no início era apenas uma criança, mesmo assim tinha uma visão madura para o que realmente estava acontecendo, ou seja, o sofrimento de sua mãe, seja por não ter alimento ou pelas más condições do barraco que elas moravam.

A realidade apresentada acima, espelhada no conto corrobora e se solidifica com estudo intitulado como “Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil” feito pelo IBGE, o Brasil tem mais de 11,4 milhões de famílias formadas por mães solo, que destas 7,4 milhões são negras. Em uma reportagem apresentada no Portal do G1, por Clara Velasco e Milena Teixeira (2020), apresenta um debate com esses números do IBGE apresentado acima, além falarem sobre outras dificuldades que as mães negras solo passam. Os números e a narrativa de Evaristo acabam por traduzir o racismo estrutural presente na sociedade, racismo este que não é apenas um resquício da escravidão, mas sim um instrumento criado na modernidade e no capitalismo, forjada pela escravidão que sempre está se moldando na reprodução de discurso e sendo internalizado, segundo Gaudio (2019^{apud}ALMEIDA, 2018). Ao adentrarmos no conto sabemos que a personagem (filha) ver o quanto a mãe trabalha para criar ela e suas irmãs, assim é evidente que essa mãe é uma representação de diversas outras mães que são sobrecarregadas, porque além trabalharem muito e receber pouco, ainda cuidam de suas casas e de seus filhos.

O trecho que é muito forte, no conto, é quando a narradora apresenta à situação da família no barraco onde eles moravam quando chovia, e sua mãe com medo de que o barraco caísse, clamava/rezava por uma santa, figuras de religiosidade cristã católica. Imagem essa que representa uma mulher forte semelhante a ela em suas lutas, assim pedia proteção para ela e sua família, observemos

Lembro-me ainda do temor de minha mãe nos *dias de fortes chuvas*. Em cima da cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço. E com os olhos alagados de pranto *balbuciava rezas a Santa Bárbara, temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós*. (EVARISTO, 2016, p. 24, grifo nosso)

O trecho acima além de representar essa busca da referencialidades de mulheres fortes dentro da religião, fica evidente também traços do processo de colonização na população negra pela imposição da religião católica e suas santas; tal processo como sabemos gerou o apagamento histórico-cultural dos descendentes africanos, sobretudo da religião, por isso que a mãe clamava por uma santa católica, não por uma Yabá⁸, com faz sua filha dizendo que quando era criança já cantava cânticos sobre suas ancestrais vindas da África, e que não esquecerá as Yabás, observemos abaixo:

[...] já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas nossas *ancestrais*, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas *Yabás*, donas de tantas sabedorias. (EVARISTO, 2016, p. 25, grifo nosso)

Fica evidente em ambos os trechos a oposição entre os preceitos da mãe e o da filha. A mãe mostra acreditar em santos cristãos católicos, religião esta imposta pelo homem branco europeu na época da escravidão a população negra. Mas, é tão enraizado na cultura que para mãe parece ser algo já natural. Além da inserção de discursos racistas dentro do religioso para que eles pudessem acreditar na religião do branco europeu, não na religião dos seus ancestrais vindos da África. Em ambos os trechos deixam evidente o epistemicídio histórico-cultural da população negra, mas que é resgatado em forma de resistência pela filha mesmo criança, quando fala sobre suas ancestrais e suas Yabás.

É interessante ressaltar também que na data de comemoração, pela Igreja Católica, o dia de Santa Bárbara, a mãe clama por ela no momento de angústia, também celebram o dia de uma das Yabás, como Cestari (2015, p. 93) apresenta: “isso nos remete para duas outras datas importantes: 4 e 8 de dezembro. A primeira, dia de Santa Bárbara, na verdade é muito mais festejada como o dia da Iansan, a rainha dos raios, dos ventos e das tempestades, a grande guerreira” (p. 93). Compreendemos nesse trecho que há semelhanças nas

⁸ Orixás femininas do Candomblé, dentro da matriz afro-brasileira (CESTARI, 2015).

características entre Santa Bárbara e Iansan. Assim, questionamo-nos que não é apenas semelhança, mas uma forma de apagar a religião do povo africano, modificando suas características para se adequarem à religião do homem europeu branco.

RESULTADOS

Assim, a partir das análises literárias e sócio-históricas do conto “Olhos d'Água”, da escritora Conceição Evaristo (2016), fica evidente que as vivências das mulheres pretas se inter cruzam, independentemente do tempo e do lugar. Além disso, percebemos que essas mulheres de cor buscam em suas ancestrais a força para resistir as marcas deixadas pelo sistema racista, capitalista regado pelo cisheteropatriarcado.

Chegamos à conclusão de que todas as colocações apresentadas no decorrer do texto estão presentes no conto “Olhos d'Água” por meio dos elementos narrativos, mais evidente na narradora-personagem na busca pela cor dos olhos da mãe, como elemento da diáspora africana, entrelaçando com sua ancestralidade. Somado a isso, a filha (narradora-personagem) apresenta a resistência da nova geração dos descendentes africanos que têm a consciência do processo decolonial, diferentemente da mãe, dadas as condições impostas pelos sistemas opressores, racistas e machistas vivenciou grandes dificuldades.

Além disso, ficam explícitas a força e a intensidade do processo de escrevivência por Conceição Evaristo no conto “Olhos d'Água” porque, além da realidade apresentada e criticada pela escritora, é um grito de resistência, como também fortalece e coloca todas as outras mulheres negras do seu lado, como a frase de Marielle Franco “Uma sobe e puxa a outra” (2018). Isso é sem dúvida o processo de interseccionalidade presente na escrevivência.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. Belo Horizonte - MG: Editora: Letramento, 2018.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CARNEIRO, Aparecida Sulei. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser.** Feusp, 2005. (Tese de doutorado).

CESTARI, Mariana Jafet. **Vozes-Mulheres Negras ou Feministas e Antirracistas Graças às Yabás.** UNICAMP. Campinas - SP. [s.n.], 2015. p. 93-98.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento.** Trad. Jamille Pinheiro Dias. 1º edição. São Paulo: Boitempo Editorial. 2019.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero.** Tradução de Liane Schneider. Estudos Feministas. 2002, vol.10, n.1, p.171-188.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água.** 1º ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016, p. 11-13.

EVARISTO, Conceição. Em legítima defesa (Prefácio) In: CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida.** Belo Horizonte: Letramento, 2018, p. 7-9.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivência.** (Entrevista cedida ao canal) Literaturas Brasileiras. 2020. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>>. Acesso em 21/mai./2020

FUKS, Rebeca. **Conceição Evaristo: Escritora, professora e ativista brasileira.** 2020. Ebiografia. disponível em <https://www.ebiografia.com/conceicao_evaristo>. Acesso em 05/out./2020

GAIDO, Eduarda Souza. **Resenha do Livro “O que é racismo estrutural?” de Silvio Almeida.** Revista Humanidades e Inovação v.6, n. 4 – 2019.

Gil, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**- 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

GONZÁLEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: **Tempo Brasileiro.** Rio de Janeiro, Nº. 92/93 (jan./jun.). 1988, p. 69-82.

HALL, Stuart. Pensando a Diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. In: SOVIK, Liv (org.). **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais.** Trad. Adelaine la Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

hook, bell. **Não sou eu uma mulher.** Mulheres negras e feminismo. 1º edição. 1981. Tradução livre para a Plataforma Gueto. Janeiro 2014.



PINHEIRO, Luana. SOARES, Vera. **Retrato das Desigualdades Gênero e Raça**. Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas e Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher. 2003.

RESENDE, Ana Catarina Zema de. **Direitos e Autonomia Indígena no Brasil (1960 – 2010): uma análise histórica à luz da teoria do sistema-mundo e do pensamento decolonial**. (tese). Brasília: UnB, 2014. Disponível em: < http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/17769/1/2014_AnaCatarinaZemaDeResende.pdf > p.52-53.

SANTOS JÚNIOR, Renato Nogueira dos. **Afrocentricidade e educação: os princípios gerais para um currículo afrocentrado**. Revista África e africanidades – Ano 03 – nº 11, novembro, 2010.

TEIXEIRA, Milena; VALESCO, Clara. **Mães negras e solteiras sofrem com falta de saneamento e carências na casa**. In: Portal G1. 2020. Disponível em:<<https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/03/06/maes-negras-e-solteiras-sofrem-mais-com-falta-de-saneamento-e-carencias-nas-casas.ghtml>>. Acesso em 22/mai./2020.